

Editorial

VIOLÊNCIA
EPIDÊMICA

Neste ano, cinco pessoas morreram vítimas de agressões em casas noturnas estabelecidas no Estado. Na madrugada do último sábado, dois jovens foram assassinados durante uma briga generalizada numa boate em Juiz de Fora.

Os casos estão se tornando mais frequentes de dois anos para cá. Agressores e vítimas são jovens com idade entre 19 e 25 anos, que abusam de bebidas e outras drogas, perdendo a noção de que devem respeito ao outro.

Bebidas e drogas não servem de atenuante para sua agressividade. Eles fazem uso delas deliberadamente, como forma de aumentar sua potência para impor sua vontade, sobretudo sobre servidores desses estabelecimentos.

Esses “mauricinhos” humilham todos os que trabalham nesses lugares, inclusive os seguranças, que tentam contemporizar, para a casa não perder o freguês. Alguns trabalhadores os identificam como filhos da classe alta.

Isso talvez explique a violência gratuita desses jovens. Avaliam que podem tudo e que não precisam temer as consequências. Acham que têm – e talvez tenham mesmo – “costas quentes”, providas pelos pais desde a infância.

Na interpretação de uma psicóloga, são jovens que foram acostutados pelos pais a ter tudo, não precisando trabalhar para adquirir as coisas. Basta que deem uma ordem para que sejam atendidos pelos serviços e pelos pais.

Este talvez seja o substrato psicológico que move esses jovens inconscientes e inconsequentes. A questão é que esse comportamento vem se repetindo e causando mortes, sobretudo quando eles agem em grupos.

Repete-se o fenômeno que ocorre com as torcidas organizadas, cujo único diálogo com o outro é por meio da violência. Também nas casas noturnas, o que esses frequentadores buscam é entrar para um “clube da luta”.

É mais um sinal do fascismo de nosso tempo, gestado por uma sociedade que erigiu o consumo e o prazer como valores máximos, sem nenhuma preocupação com o humanismo que só o sofrimento transmite.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Milton Luiz (interino)
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

São Luís do Maranhão é a capital mundial da paz em novembro

Movimento surgiu pouco depois da Segunda Guerra Mundial

São Luís é a capital mundial da luta pela paz em novembro. Recepcionado pelo Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz, o Conselho Mundial da Paz, criado em 1948 e constituído por personalidades e movimentos contra a guerra e a opressão, realizará na capital a Assembleia Mundial da Paz em 18 e 19 deste mês, e a Conferência Mundial da Paz, no dia 20, Dia Nacional da Consciência Negra!

A luta pela paz é bandeira da esquerda mundial, numa visão de que a paz não é só a ausência de conflitos entre as nações, mas também uma conjuntura na qual os povos não tenham tolhida sua autodeterminação.

Maria Montessori (1870-1952), médica e educadora italiana, incluiu a paz como eixo do método montessoriano. Dizia que “a educação é a melhor arma para a paz” e que “a responsabilidade de evitar conflitos é dos políticos, e a de estabelecer uma paz duradoura é dos educadores”. De 1932 a 1939, fez várias palestras sobre a paz, que, para ela, se inicia pela construção da harmonia entre a criança e o adulto. Em 1947, proferiu na Unesco a palestra “Educação e paz”. Em 1949, publicou “A Educação e a Paz”, no qual diz que “a paz não é o resultado de negociações, mas uma construção”; e que “a paz é uma ciência, uma arte, uma cultura. A paz se aprende”.

A brasileira Socorro Gomes, que preside o centro e o Conselho Mundial da Paz, em breve histórico da luta organizada pela paz, disse em Damasco, na Síria, em 25.10.2009: “Pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial, num momento em que a situação inter-

nacional se agravava em consequência da política belicista do imperialismo norte-americano, vezes se levantaram em numerosos países, proclamando a necessidade de criar um movimento mundial para impedir nova catástrofe”.

Em agosto de 1948, foi realizado o Congresso dos Defensores da Paz, em Wrocław, na Polônia. Presentes mais de 400 personalidades de 46 países, criaram o Comitê de Enlace dos Intelectuais pela Paz, que, em fevereiro de 1949, reunido em Paris, convocou, junto com a Federação Democrática Internacional

A luta pela paz é bandeira da esquerda mundial, numa visão de que a paz não é só a ausência de conflitos entre as nações

de Mulheres, um novo Congresso Mundial pela Paz, de 20 a 23 de abril de 1949, na mesma cidade.

“Certa manhã de março, um cartaz apareceu nos muros de Paris e das grandes cidades francesas. Anunciava a data e o lugar do Congresso Mundial da Paz e exibia como emblema uma pomba, que se tornou célebre e até hoje simboliza o movimento pela paz no mundo. Era a pomba de Pablo Picasso. Alguns dias mais tarde, o cartaz aparecia simultaneamente em Varsóvia e no Rio de Janeiro... Em pouco tempo, reproduzida por todo o mundo, a pomba tornou-se o símbolo universal das forças da paz” (Socorro Gomes).

O lema do 1º Congresso Mundial da

Paz, “Doravante a paz é uma questão dos povos”, recebeu adesões em massa de todo o mundo! Presentes 2.198 delegados de 72 países. “No mesmo dia, abriam-se as portas do Parlamento da Tchecoslováquia para receber os 281 congressistas que compunham a sessão de Praga do congresso, proibidos de entrar na França”.

Na época, estavam exilados na Tchecoslováquia Jorge Amado (1912-2001), um dos expoentes da luta pela paz; e Zélia Gattai (1916-2008), que muito se envolveu com a mobilização. Ela relatou em “Jardim de Inverno!” (1988) sobre o Conselho Mundial da Paz: “Segundo a opinião de muitos, esse órgão seria apenas um instrumento da política externa soviética. Para nós, era um órgão que se propunha lutar pela paz, mantendo uma vigilância permanente contra as ameaças de guerra”. Paloma Jorge Amado (19.11.1951), filha do casal, nasceu em Praga.

DUKE

